

Ana Carolina Vieira da Silva Pereira (PPGAA/UFPR)

Palavras-chave: Espiritismo; Museu; Materialidade

INTRODUÇÃO

Após surgir na França por volta de 1857², o Espiritismo migrou para diversos países ao redor do mundo, contudo, em mais nenhum germinou e ramificou como no Brasil. Ao que relatam diferentes pesquisadores como Aubrée e Laplantine (1990), Giumbelli (1995), Stoll (2003) e Lewgoy (2012), a doutrina teve uma forte aculturação na sociedade brasileira, se adaptando e sendo transformada ao longo do tempo, passando por influências, expansões, e processos de popularização e oficialização.

É ainda no século XIX que o Espiritismo chega ao Brasil, através de membros das elites francesas presentes na corte imperial. Uma das primeiras formas de acesso ao conhecimento da religião, é a escrita. Sendo assim, até aquele momento, a leitura estava limitada aos conhecedores da língua francesa. Todavia, ao cair nos gostos das elites locais, o Espiritismo passou por processos de institucionalização, a partir da primeira publicação da revista Reformador, de divulgação espírita, em 1883; e da formação da Federação Espírita Brasileira (FEB), em 1884.

Nesses contextos, era uma preocupação dos principais nomes da comunidade, como o doutor Bezerra de Menezes e o Major Francisco Raimundo Ewerton Quadros, que a doutrina alcançasse as demais camadas sociais. Dessa forma, a tradução de livros e a construção de centros espíritas foram parte essencial do andamento inicial do Espiritismo no Brasil. A formação desses centros, também conhecidos como casas, não apenas ampliou o número de adeptos, ao organizar novas comunidades, como também configurar uma forma muito específica de compreender o Espiritismo: o evidenciamento do seu caráter religioso.

A princípio, Allan Kardec concebeu o Espiritismo enquanto doutrina, filosofia, ciência e religião. Segundo Stoll (2003), a formulação do Espiritismo ocorre em um contexto específico da Europa, em que havia uma profusão do desenvolvimento

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² A data marca a publicação do primeiro livro de Allan Kardec, considerado a primeira obra que apresentou o Espiritismo. Sob o título “O Livro dos Espíritos”, o escrito conta com séries de perguntas e respostas. O livro contou com um trabalho de pesquisa de Kardec, que observou, ao longo de alguns anos, desde as culturas pagãs européias, como as práticas de mesas girantes da América Anglo-Saxônica, sempre mentorado por entidades. Segundo o próprio autor, ele fora o decodificador dos ensinamentos que os espíritos teriam a passar para os vivos.

científico, com grandes marcos como a publicação de “A Teoria das Espécies”, de Charles Darwin. Kardec, à época ainda Hyppolite Rivail³, compreendia que Ciência e Religião seriam coisas complementares, e não opostas. Educador, discípulo de Pestalozzi, trouxe muitas dessas perspectivas quando esboçou seus primeiros estudos acerca do que viria a se tornar a doutrina dos espíritos. Apesar do próprio Allan Kardec se declarar enquanto decodificador do Espiritismo, suas motivações vieram de como ele entendia da realidade em que vivia. De origem católica, Kardec acreditava que o Catolicismo e o Protestantismo limitavam-se a crenças ultrapassadas, e que a Religião poderia se beneficiar da Ciência. Dessa forma, o Espiritismo foi originalmente pensado como uma doutrina que deveria se adaptar aos contextos em que estaria inserido.

Contudo, ao chegar no Brasil, o Espiritismo foi caracterizado mais como religião do que doutrina, filosofia ou ciência. Giumbelli (1995) aponta para o período de inserção do Espiritismo no Brasil imperial. À época, a liberdade de crenças já era garantida, e as principais disputas de legitimação ocorriam no âmbito do estatuto de religião. Outras motivações citadas por Giumbelli, a partir das elaborações de outros autores⁴, seria sobre a similaridade que as ideias espíritas teriam com crenças populares brasileiras, tanto de origem indígena, quanto trazidas de África e Europa. Outro ponto seria a atuação assistencial de grupos espíritas, como em práticas de saúde, educação e na caridade.

Já Stoll (2003), observa a transnacionalização (ORO, STEIL e RICKLI, 2012) de modo relacionado a como Geertz observou o islamismo na década de 1960. A hipótese que a autora orienta seu argumento é a de que a diversidade de práticas de uma mesma religião se dá pelas tensões que surgem nos processos de universalização, em que a manutenção da tradição (estrangeira) convive paradoxalmente com a adaptação ao novo contexto (local). Com isso, surgem variações de discursos e modos de saber e de fazer, que estão em constante disputa por legitimidade. Ao pensar o contexto local que o Espiritismo francês se deparou, Stoll (2003) também aponta para as crenças populares sobre espíritos e vida após a morte, que variam entre culturas indígenas, e as trazidas de Europa e África. Contudo, a antropóloga também coloca a influência do Catolicismo enquanto parte da matriz que moldou o Espiritismo brasileiro, conversando com algumas formulações anteriores de Aubrée e Laplantine (1990).

³ Hippolyte Léon Denizard Rivail, nome de batismo de Allan Kardec, foi educador antes de se consagrar como decodificador do Espiritismo. A mudança de nome veio durante seus estudos. Ao conversar com seu espírito mentor, soubera que ele e o mentor haviam vivido uma encarnação juntos como druidas do povo celta, na região da Gália, e foram grandes amigos. Kardec aderiu ao pseudônimo na publicação do primeiro livro espírita, “O Livro dos Espíritos”, em 1857.

⁴ Ver Aubrée e Laplantine (1990) e Camargo (1961; 1973).

Stoll (2003) observa principalmente o caso de Chico Xavier enquanto personagem e símbolo do que ela chamou de “ética da santidade” (p. 193), em que foram desenvolvidas séries de idealizações acerca do que seria um médium e a prática mediúnic. Esse aspecto é importante para a compreensão de qualquer campo voltado a grupos espíritas, principalmente quando se preocupa em olhar para os produtos das atividades mediúnicas. Pois, como pude notar em meu campo e na leitura de pesquisas contemporâneas à obra de Stoll (2003)⁵, a “ética da santidade” é uma visão que orienta parte considerável das práticas espíritas brasileiras.

Nesse sentido, é importante estabelecermos alguns pontos: o primeiro deles é que o Espiritismo brasileiro não poderia ser equiparado de forma direta ao Espiritismo francês. No sentido de que, em decorrência de diversos processos históricos e culturais, há uma caracterização específica da religião no país; caracterização essa que é reivindicada pelos institutos oficiais, como a Federação Espírita Brasileira (FEB) e federações estaduais. Sendo assim, mesmo que a maioria dos grupos espíritas em atividade não sigam à risca os dogmas estabelecidos primariamente, isso não significa que sejam não oficiais ou populares. É importante estabelecermos essa relação pois há casas espíritas não consideradas pela Federação Espírita Brasileira. Essas, por sua vez, apresentam diversos modos de compreender e praticar o Espiritismo.

A casa em que pesquisa atualmente, Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (SBEE), é um exemplo disso, pois não é reconhecida pela FEB. Embora a SBEE mantenha as práticas centradas em preceitos espíritas, desenvolveu outras atividades e compreensões próprias. A partir da liderança do falecido professor Maury Rodrigues da Cruz, junto de alguns espíritos mentores, e do trabalho de médiuns e frequentadores, a casa formou seus próprios saberes e modos de fazer; alinhados ao Espiritismo e aos escritos de Allan Kardec, Chico Xavier, e outras figuras importantes, mas sob uma perspectiva autoral, que não coincide com as bases das instituições oficiais.

Demoro nessa questão pois foi algo que me gerou leituras equivocadas sobre meu campo quando comecei a pesquisa. Ao vir de um contexto espírita, mas de uma cidade do interior de São Paulo, eu estava habituada a um tipo de espiritismo que não se parece com o que observei na SBEE; que por vezes se mesclava com a umbanda, hinduísmo e budismo. Por isso, num primeiro momento, eu via a Sociedade enquanto uma casa oficial e hegemônica. Esse engano travou alguns entendimentos no começo da minha pesquisa que eu só alcancei algum tempo depois. Como o foco deste projeto é a produção material exposta e narrada no Museu Nacional do Espiritismo, idealizado e

⁵ Silva (2006), Pires (2008), Mattos (2014), Camurça (2021), Silva Neto (2022) e Pereira (2023).

administrado pela Sociedade Brasileira de Estudos Espíritos, é preciso contemplar os saberes e modos de fazer próprios da casa, que não seguem fielmente os discursos hegemônicos.

O segundo ponto que quero colocar é a relação do Espiritismo com a materialidade. Ao tratar dos processos de transnacionalização do Espiritismo, Lewgoy (2012), aponta para os circuitos internacionais de produção e entidades espíritas, que visam a unificação das identidades, saberes e práticas nos diferentes países em que se faz presente. Nesse circuito, o Brasil pode ser observado como um expoente da produção material (GIUMBELLI, 1995; STOLL, 2003; LEWGOY, 2012).

Aubrée e Laplantine (1990) apontam para o caráter material do Espiritismo, apesar de não se demorarem no assunto. Para os autores, uma das bases da doutrina está na materialização que torna os espíritos presentes. Isso é, estaríamos falando de entidades que escrevem, mas também as que pintam, as que se deixam ser fotografadas, que imprimem as luvas de cera, e que falam através do corpo dos médiuns; corpos esses que podemos compreender como a materialidade central desses processos. Não sem propósito, é comum que as pessoas que se dedicam aos estudos e práticas mediúnicos sejam chamados de “instrumentos”.

Desse modo, ao me debruçar sobre o MUNESPI, minha pesquisa de mestrado se propõe a pensar a materialidade como algo importante, se não basilar, na constituição do Espiritismo brasileiro. Os objetos expostos no museu narram não somente a visão da casa sobre a doutrina, mas também podem nos mostrar a agência dessas coisas, que são ao mesmo tempo produtos e produtoras de sentido e significado, em sistemas de práticas e saberes.

O MUSEU NACIONAL DO ESPIRITISMO

O MUNESPI foi fundado em 1965, mesmo ano em que a Sociedade Brasileira de Estudos Espíritos assumiu o atual nome, diferente do nome original “Agrupamento Espírita Afonso Penna”, que recebeu quando foi fundada em 1953. Atualmente, o MUNESPI compreende três espaços: a reserva técnica, o museu físico e o museu digital⁶. Num primeiro momento, o museu operava onde hoje fica o acervo, uma casa que parece pequena quando vista de fora, mas que possui salas que ficam apertadas pela quantidade de objetos ali guardados. Em 2013, o museu passou para o espaço onde se encontra hoje, tendo a reserva técnica e o museu físico em locais separados. Já o museu digital começou a operar no ano de 2020, em que algumas exposições foram adaptadas

⁶ <https://www.munespidigital.com/>

a um site, em decorrência da pandemia de Covid-19. Atualmente, o MUNESPI Digital possui exposições próprias, com foco na apresentação de pinturas mediúnicas.

Apesar do acesso que esta pesquisa tem ao conjunto de espaços do Museu Nacional do Espiritismo – reserva técnica, museu físico e museu digital –, o foco está no museu físico. A escolha foi motivada pela complexidade de elaborar uma dissertação que compreendesse os três locais simultaneamente. Com isso em vista, optei por me dedicar à reflexão dos objetos enquanto agentes que narram e divulgam as filosofias, histórias e trabalhos do Espiritismo e da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritos.

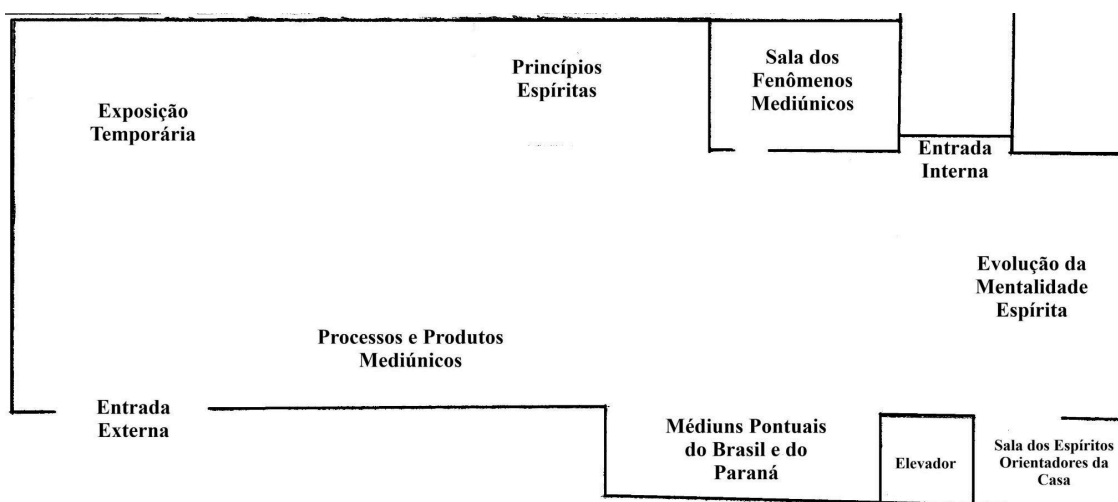
O espaço do museu físico pode ser compreendido em um grande espaço retangular, com duas pequenas salas acopladas, e duas entradas: uma interna, através da escadaria que sai do corredor principal da casa e desce para o museu; e outra externa, voltada para o pátio/estacionamento que une os espaços transitáveis entre as construções.

Quando fui à SBEE pela primeira vez, após ter previamente conversado com Vanderlei, ele me indicou assistir a palestra oferecida pela casa. As palestras ocorrem às quartas à noite e sábado à tarde, e o MUNESPI fica aberto durante esse período. A sessão dura cerca de uma hora, depois, há os atendimentos de passe e outros tipos de tratamento espiritual para os frequentadores.

ILUSTRAÇÃO 1 - Espaço da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritos (SBEE)⁷



ILUSTRAÇÃO 2 - Espaço do Museu Nacional do Espiritismo⁸



⁷ Imagem capturada do Google Maps com edições da autora.

⁸ Ilustração feita pela autora, com ajuda de Vanderlei. Desenho original a lápis, digitalizado a mão pelo Paint.

Minha primeira ida ao museu foi pela entrada interna, por isso, vou começar a descrever o espaço por essa perspectiva. Após descer as escadas, fui recebida pelo texto no batente superior: “A História da Humanidade é a nossa própria história”, com letras maiores em português e uma pequena versão em inglês logo abaixo. A frase é creditada a Léon Denis, um dos principais precursores dos trabalhos de Kardec na Europa após seu falecimento. À primeira vista, também pude ver parte da primeira seção do museu, a Evolução da Mentalidade Espírita.

ILUSTRAÇÃO 3 - Entrada interna do MUNESPI⁹



Essa primeira seção possui textos dispostos no chão, uma projeção na parede, que vaza e circula pelo chão. À esquerda há um busto de Allan Kardec e um de Antonio Grimm, um dos espíritos orientadores da casa. Entre os dois, algumas plaquinhas de texto que se unem às palavras estampadas no chão para contar a história do Espiritismo e como a doutrina se modificou ao decorrer do tempo.

Cruzando essa primeira seção, há uma pequena sala dedicada aos espíritos orientadores da casa. Ali são apresentados outros nomes – além de Antonio Grimm – de entidades que fizeram parte da história da casa. Junto a imagens e textos sobre o doutor

⁹ Foto da autora.

Leocádio Corrêa e Maria Fidélis, pode-se ver fotos do fundador da SBEE, o professor Maury Rodrigues da Cruz, desencarnado¹⁰ em 2021. O professor Maury era o principal médium da casa, e era através dele que os espíritos mentores se comunicavam. Com sua saída, entidades como Antonio Grimm e doutor Leocádio não voltaram a contatar outros médiuns.

Voltando ao espaço principal, há outra sala à direita. Chamada Sala dos Fenômenos Mediúnicos, o espaço apresenta alguns cientistas europeus que tiveram algum envolvimento com o Espiritismo. Além de pequenos retratos com textos, que contam uma breve biografia ao lado, no espaço há alguns livros, de aparência antiga e nova, com títulos que relacionam a doutrina a conceitos científicos. Os livros ficam livres sobre o aparador, podendo ser tocados e lidos pelos visitantes. Do outro lado, há dois expositores, com redomas retangulares de vidro, que protegem as luvas de cera, método de materialização das atividades mediúnicas, que consiste na produção de moldes de mãos em cera. As luvas foram produzidas pelo professor Maury, mas apresentariam padrões diferentes de digitais e forma.

Há também fotografia do professor Maury expelindo ectoplasma, secreção mucosa que pode ser expelida dos orifícios do médium quando este recebe uma entidade; e fotos de outras pessoas com invólucros translúcidos, apresentando a presença de espíritos na imagem. Mais fotografias do tipo aparecem na televisão que fica no centro da parede, acima dos expositores. As fotos são visivelmente antigas, datando do final do século XIX e início do XX, acompanhados de alguns recortes de artigos de jornais em diferentes idiomas.

De volta ao espaço principal, do lado oposto, há a seção de Médiuns Pontuais do Brasil e do Paraná. A escolha do termo “médium pontual” veio de uma entrevista que fiz com Vanderlei. Ao me contar mais sobre o professor Maury e as mudanças que ocorreram após seu desencarne, ele descreve o fundador da SBEE, e outros como Chico Xavier, enquanto médiuns encarnados que possuem uma grande expressão mediúnica¹¹. A ala apresenta algumas figuras importantes do Espiritismo brasileiro e paranaense, com retratos, objetos de uso pessoal, biografias e outras instalações que apresentam dados, datas e informações sobre o desenvolvimento da doutrina no país.

¹⁰ Termo espírita que refere-se ao falecimento de um sujeito.

¹¹ Dentro do Espiritismo, é considerado que todas as pessoas possuem habilidades inatas à mediunidade. Contudo, cada indivíduo possui suas particularidades. Uma pessoa pode começar a expressar sua mediunidade por conta própria, outras precisam passar por práticas de estudo para começarem. É também através das práticas dentro da religião que essa habilidade pode ser refinada. Sua expressão também pode variar, pois as pessoas encarnadas podem ver, ouvir, sentir ou comunicar com os desencarnados, podendo materializar esse contato através da fala, da escrita, pintura e demais expressões.

Do lado oposto ficam as instalações sobre os Princípios Espíritas. Com paredes móveis e um conjunto de textos e imagens. A montagem da seção segue uma linha cronológica, que aborda conceitos básicos, como a reencarnação e o livre-arbítrio, mas levando em consideração os processos de desenvolvimento da religião de modo geral, nacional e local.

Atravessando o grande salão novamente, chegamos à seção sobre Processos e Produtos Mediúnicos. Nas paredes e móveis acumulados na extensa parede, são apresentadas as principais práticas feitas pelo Espiritismo, com os principais nomes envolvidos em seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, e sua produção. São estes: a psicografia (manifestação escrita), psicofonia (manifestação oral), psicomúsica (manifestação musical) e psicopictografia (manifestação em pinturas e desenhos).

Por fim, o restante do salão é dedicado às exposições temporárias e temáticas que o museu organiza. As exposições são compiladas de obras psicopictografadas, com elaborações textuais que variam citações à produções próprias. Durante minha pesquisa, pude observar duas exposições. O objetivo dessas exposições, segundo o que conversei com Vanderlei, Héline e Karina, uma trabalhadora da casa que encontrei no MUNESPI uma vez, é que essas exposições têm como objetivo narrar uma visão de mundo. A última que estava em cartaz, por exemplo, era dedicada aos povos originários, e suas relações com o Espiritismo.

COISAS QUE IMPORTAM

Mais do que um mundo que se comunica com os mortos, no Espiritismo os mortos têm agência sobre as coisas. O que pude observar, tanto em campo, quanto na bibliografia, foi uma agência ativa dos objetos. Quando um médium psicografa um texto, aquele material não é somente o resultado final da prática, mas também o material que pode ser usado em outro momento. O texto pode ser um livro de estudos, que será lido por outros médiuns a fim de refinar suas habilidades. Pode ser um quadro, que ao ser exposto, carrega e divulga as informações de sua produção. Ou ainda uma gravação em áudio, também chamada *psicofonia*¹², utilizada na abertura de palestras.

Sendo assim, quando trato de uma “coisa”, me refiro à teoria defendida por Miller (2013). O autor parte da compreensão do objeto enquanto produto e produtor de meios, partindo das elaborações de Ingold (2012), acerca da percepção do mundo

¹² Tipo de registro mediúnico. Assim como a psicografia é quando uma entidade, através do corpo de um médium, escreve um texto; ou quando na mesma relação espírito desencarnado e encarnado, produz-se uma pintura; a psicofonia é uma gravação em áudio de uma entidade falando através do corpo de um médium. Na SBEE, as gravações utilizadas no começo das palestras são a voz do professor Maury Rodrigues da Cruz, mas falas das entidades vinculadas à casa.

através da materialidade. A ideia defende uma visão de pesquisa que privilegie a agência dos objetos. Com isso, posiciono minhas reflexões não somente sobre a materialidade, mas a partir dela também; numa relação de coexistência (cultural e contextual).

A relação entre religiosidade e materialidade é uma discussão densa, com afastamentos e aproximações delineados por conceituações prévias e culturais do que seria “crença”. Birgit Meyer (2018) aponta para a normalização do conceito enquanto imperador universal das experiências religiosas. Isso viria de processos políticos e sociais, que privilegiam a noção cristã protestante, desenvolvida e imposta pela Europa ao restante do mundo após o Iluminismo.

Mesmo numa relação antagônica (religiosa-atéia), as ideias sobre o que seria uma religiosidade “verdadeira” pairam na exclusão da materialidade. As coisas voltam às margens quando nos atentamos às discussões sobre esferas pública e privada, e o lugar da Religião nisso. Quando, por um período, temos a interiorização da religiosidade, em que a experiência deve ser individual e restrita aos ambientes privados, nos deparamos com a rejeição aos objetos que anunciam a religião de seu portador de alguma forma, como pelas roupas que veste (hijab, talit, churidar, rakusu, turbante), os lugares que frequenta (mesquitas, templos, terreiros, sinagogas) e as palavras que profere (“salaam Aleikum”, “namastê”, “shalom alechem”, “axé”). Principalmente quando as cidades se tornam mais diversas, essas diferenciações passam também a ser sobre a aparência da pessoa e seu sotaque. Nessas dinâmicas de publicização religiosa, as roupas, lugares, palavras e aparências associadas a grupos cristãos são deixados de fora.

Todavia, Meyer (2018) também aponta que, quando a globalização torna os arranjos sociais inevitavelmente diversos, a linha que separa as esferas pública e privada arrebenta, e há um novo lugar para a Religião no cenário político: o lugar da disputa. Mais do que nunca, a publicização da religiosidade individual se faz necessária para o fortalecimento dos grupos nesses embates.

Ao disputarem os espaços públicos, os grupos religiosos utilizam, além dos discursos, objetos para comporem suas narrativas. Não precisamos pensar em contextos específicos para nos lembrarmos das vezes que vimos trechos bíblicos e símbolos cristãos adornando a traseira de veículos, ou roupas, canecas, copos, garrafas; até a estilização de bíblias, tornando o objeto mais do que um livro que contém a Palavra, mas também um objeto para ser apreciado além das palavras.

No Espiritismo, as coisas são parte fundamental da experiência religiosa. Nós podemos compreender dois momentos da materialidade nas práticas espíritas: o primeiro refere-se à produção dessa materialidade, nas práticas mediúnicas em que textos e imagens são construídos. Outro momento, está nas ações que decorrem desses objetos.

Essa segunda parte possui variações: quando a coisa retorna ao circuito de produção, isso é, um livro escrito por psicografia, que é usado por outro médium como material de estudo, por exemplo. Ou quando a coisa serve ao propósito de divulgação da doutrina, que é o caso que observei para esta pesquisa, com o MUNESPI.

O museu apresenta mais do que um dispositivo de curiosidade, mas também um conjunto de representações de saberes diversos, como defenderam Tucherman e Cavalcanti (2010), e ainda, como coloca Ferrara (2013), pode-se atribuir diversos sentidos às visualidades para além da curiosidade e do entretenimento. Desse modo, Gonçalves (2006) uma exposição também pode ter um caráter educativo, em que a materialidade acompanha uma linha hegemônica e estável para comunicar seus sentidos, que precisa ser negociada e ensinada ao observador.

É pensando nessas conciliações de sentidos que Bennett (1983) elaborou sobre o conceito do “complexo exibicionário” (*exhibitionary complex*). Nesse sentido, a exibição, e a circulação de objetos e corpos, configuram dispositivos de poder. A articulação que o autor faz com Foucault e Gramsci levam a um entendimento dos espaços museais como espaços disciplinares e disciplinados, mas que não parte dos métodos observados pelo filósofo francês “vigiar e punir”. A perspectiva de Bennett opera na chave “mostrar e contar” (*show and tell*), em que a disciplina seria pautada pelas narrativas vinculadas com as perspectivas culturais e históricas hegemônicas.

Nesse sentido, proponho uma compreensão das coisas em museus, especificamente as coisas expostas no MUNESPI, enquanto agentes de comunicação dos discursos e significados defendidos pela SBEE.

O QUE AS COISAS DO MUNESPI FAZEM?

Os objetos no museu possuem um sentido muito mais visual do que qualquer outro. Além das fotografias, objetos e quadros, o texto também se apresenta em instalações visuais. Apesar de haverem palavras contidas em caixas de texto para cederem informações que não podem ser vistas, as palavras também foram expressas em textos sucintos e em letras grandes. As palavras giram e ondulam em meio a desenhos coloridos, mas minimalistas, ou dançam sob projeções.

Há pesquisas pontuais sobre museus espíritas. De um modo geral, podemos compreender semelhanças quanto à importância dos objetos nessas relações, mesmo com as particularidades de cada campo. Menezes (2006) dissertou sobre o impacto da figura de Chico Xavier na geografia da cidade de Uberaba, onde fica um museu dedicado ao médium, coordenado pela família do mesmo. De modo aproximado, Gontijo Silva (2017) também produziu reflexões acerca da memória no Espiritismo, articulando uma pesquisa sobre instituições voltadas para a preservação de patrimônios materiais – documentos diversos –, e projetos de digitalização desses patrimônios. Já Ramiro (2008) e Silva Neto (2022), focam em fotografias espíritas e iconicidade. A distância temporal permitiu uma expansão das observações de Ramiro por Silva Neto, além de que o primeiro focou na origem das fotografias, enquanto o segundo concentrou-se na observação das imagens enquanto parte de exposições museais.

Os trabalhos mencionados operam suas reflexões em duas chaves relevantes para esta pesquisa: a primeira refere-se à agência das coisas (documentos, fotografias, móveis, livros, pertences pessoais, a fins) enquanto componentes centrais da produção de imaginários e memórias; assim como o ambiente de museus como terreno para manutenção e amplificação desses sentidos, seja pela guarda das coisas em arquivos, seja pela divulgação em exposições.

Assim sendo, a proposta desta pesquisa debruça-se na reflexão sobre os conceitos na agência das coisas quando expostas em espaços de museu. O holofote não está em ponderar somente sobre a doutrina espírita, nem sobre suas práticas, saberes e produções materiais. Mas sim, considerar um dos caminhos que esses materiais tomam. Quais sentidos elas poderiam produzir? Quais narrativas estariam sendo negociadas? E qual seria sua importância para o meio em que estão inseridas?

REFERÊNCIAS

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. 1990. **La table, les livres et l'esprits**. Paris: J. C. Lattes.

BENNETT, Tony. 1983. **The Exhibitionary Complex**. *New Formations*, n. 4, p. 73-102.

CAMARGO, Cândido Procópio. 1961. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Pioneira.

CAMARGO, Cândido Procópio. 1973. **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis: Vozes.

CAMURÇA, Marcelo. 2021. **Conservadores x progressistas no espiritismo brasileiro: tentativa de interpretação histórico-hermenêutica**. *Plural - Revista de Ciências Sociais*, vol. 28, nº 1. p. 136-160.

FERRARA, Fabiano D'Alessio. 2013. **O museu como espaço midiático: da exposição ao entretenimento**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GIUMBELLI, Emerson. 1997. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Prefácio. In: SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. 2006. **A Escrita do Passado em Museus Históricos**. Rio de Janeiro: Garamond. p. 5-7.

GONTIJO SILVA, William Jerônimo. 2017. **A preservação do patrimônio documental arquivístico da Federação Espírita do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural). Santa Maria, RS: UFSM.

INGOLD, Tim. 2015. **Materiais contra materialidade**. em: INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes. p. 49-69.

LEWGOY, Bernardo. **Entre herança europeia e hegemonia brasileira: notas sobre o novo kardecismo transnacional**. em: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto &

RICKLI, João. (org). 2012. **Transnacionalização Religiosa: Fluxos e Redes**. Editora Terceiro Nome, São Paulo, Brasil. p. 101-121.

MATTOS, Renan Santos. 2014. **Que espiritismo é esse? Fernando do ó e o contexto religioso de Santa Maria - RS (1930-1940)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Maria.

MENEZES, Bethânia Alves. 2006. **O mito de Chico Xavier: os usos, apropriações e seduções do simbólico em Uberaba/MG**. Dissertação (Mestrado em Geografia). UFU.

MEYER, Birgit. 2018. **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

MILLER, Daniel. 2013. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto & RICKLI, João. 2012. Introdução. em: _____. (org). **Transnacionalização Religiosa: Fluxos e Redes**. Editora Terceiro Nome, São Paulo, Brasil. p. 7-13.

PEREIRA, Francisco. 2023. **Representações da homossexualidade no Espiritismo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol. 38 nº 111. p. 1-16.

PIRES, Pedro Stoeckli. 2008. **Nascer, morrer, renascer: O Espiritismo à luz das Ciências Sociais**. Revista Três Pontos, vol. 5, nº 1. p. 13-20.

RAMIRO, Mario. 2008. **O gabinê fluidificado e a fotografia dos espíritos no Brasil: a representação do invisível no território da arte em diálogo com a figuração de fantasmas, aparições luminosas e fenômenos paranormais**. Tese (Doutorado em Artes), Universidade de São Paulo.

SILVA, Gleide Sacramento da. 2006. **Eu e o outro no centro: uma reflexão acerca dos processos de identificação no espiritismo**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

SILVA NETO, João Damásio da. 2022. **O caso dos museus espíritas: iconicidade do imaginário na mediação**. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.

STOLL, Sandra Jacqueline. 2003. **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion.

TUCHERMAN, Ieda; CAVALCANTI, Cecília. 2010. **Museus: dispositivos de curiosidade**. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 7, n. 20, p. 141-158.